

## A necrópole da Idade do Ferro da Abóbada (Almodôvar)

*Pedro Barros<sup>\*</sup>, Samuel Melro<sup>\*</sup> e David Gonçalves<sup>\*\*</sup>*

### Resumo:

A escavação arqueológica na necrópole da Abóbada decorreu no âmbito do Projecto ESTELA. Tinha como objectivo a caracterização do local de proveniência da chamada “Estela do Guerreiro”, com escrita do Sudoeste, identificada em 1972. O resultado dos trabalhos aí desenvolvidos entre 2010 e 2011 permitiram reunir um conjunto de informação quanto à cronologia, tipo de estruturas funerárias e documentar os respetivos rituais funerários. Apesar da sua afectação pela lavra mecânica, foi possível registar a presença de dois monumentos funerários pétreos quadrangulares e de diversos covachos em fossa simples com deposição secundária das cremações. Os restos humanos apresentam-se completamente calcinados e a sua fragmentação é muito elevada. Com uma única clara excepção, foram depositados diretamente no solo sem recurso a urna e as evidências sugerem que a cremação se terá provavelmente dado pouco tempo após a morte, com os tecidos moles ainda presentes.

### Abstract:

The archaeological excavation in the necropolis of Abóbada is included in the ESTELA project. Its main objective was to know the procedence site of the called “warrior stela”, the most famous south-portuguese Pre-Roman inscribed stone. The result of the works developed between 2010 and 2011 had allowed to congregate a set of information about the chronology, type of funerary structures and funerary recording with its corresponding ritual. Although the bad preservation, it was observed the presence of two quadrangular burial monuments and diverse holes in simple fossa with secondary deposition of the cremations. The human remains are completely calcined and broken. They had been deposited directly in the ground without any urn (with just one exception) and the evidences suggest that the cremation could have be done little time after the death.

<sup>\*</sup> *Arqueólogos, Projecto ESTELA*

<sup>\*\*</sup> *Pós-Doutorando da FCT (SFRH/BPD/84268/2012) – Universidade de Coimbra, DGPC, CENCIFOR*



A escavação arqueológica realizada na necrópole da Idade do Ferro da Abóbada, situada em Almodôvar, Baixo Alentejo, Portugal decorre do Projecto ESTELA, isto é, da sistematização da informação sobre a escrita do Sudoeste, problemática que tem como objectivo central a contextualização histórico-arqueológica das estelas com escrita do Sudoeste – esse sistema gráfico de signos de origem fenícia, que há mais de 2500 anos foi adoptado por antigas populações do Sudoeste peninsular (Correia 1993; 1996; Untermann 1997; Guerra 2002; 2007). Mais do que a decifração dessa enigmática e mais antiga forma de escrita, pretende-se no âmbito deste Projecto ir de encontro aos seus contextos, à sociedade que as produziu e perceber quais eram efectivamente os seus locais de proveniência. Este Projecto, iniciado em 2008, encontra-se enquadrado no Museu da Escrita do Sudoeste de Almodôvar (MESA) (Melro *et al.* 2009a; 2009b; 2010; 2011; Guerra 2009).

A prospecção sistemática realizada anteriormente em Almodôvar e Loulé, entre a planície e a Serra permitiu identificar alguns eixos de povoamento determinados *grosso modo*, pelos cursos de água que irradiam da Serra do Caldeirão. Num destes, na zona do rio Mira (Fig. 1), constatou-se uma acrescida importância no povoamento da região ao longo do I milénio a.C., integrando este núcleo de povoamento uma das principais vias naturais de ligação Sul/Norte, isto é entre a serra e a planície (Melro e Barros 2012; Melro *et al.* 2009c e 2010; Barros *et al.* 2010; no prelo e Santos *et al.* no prelo).

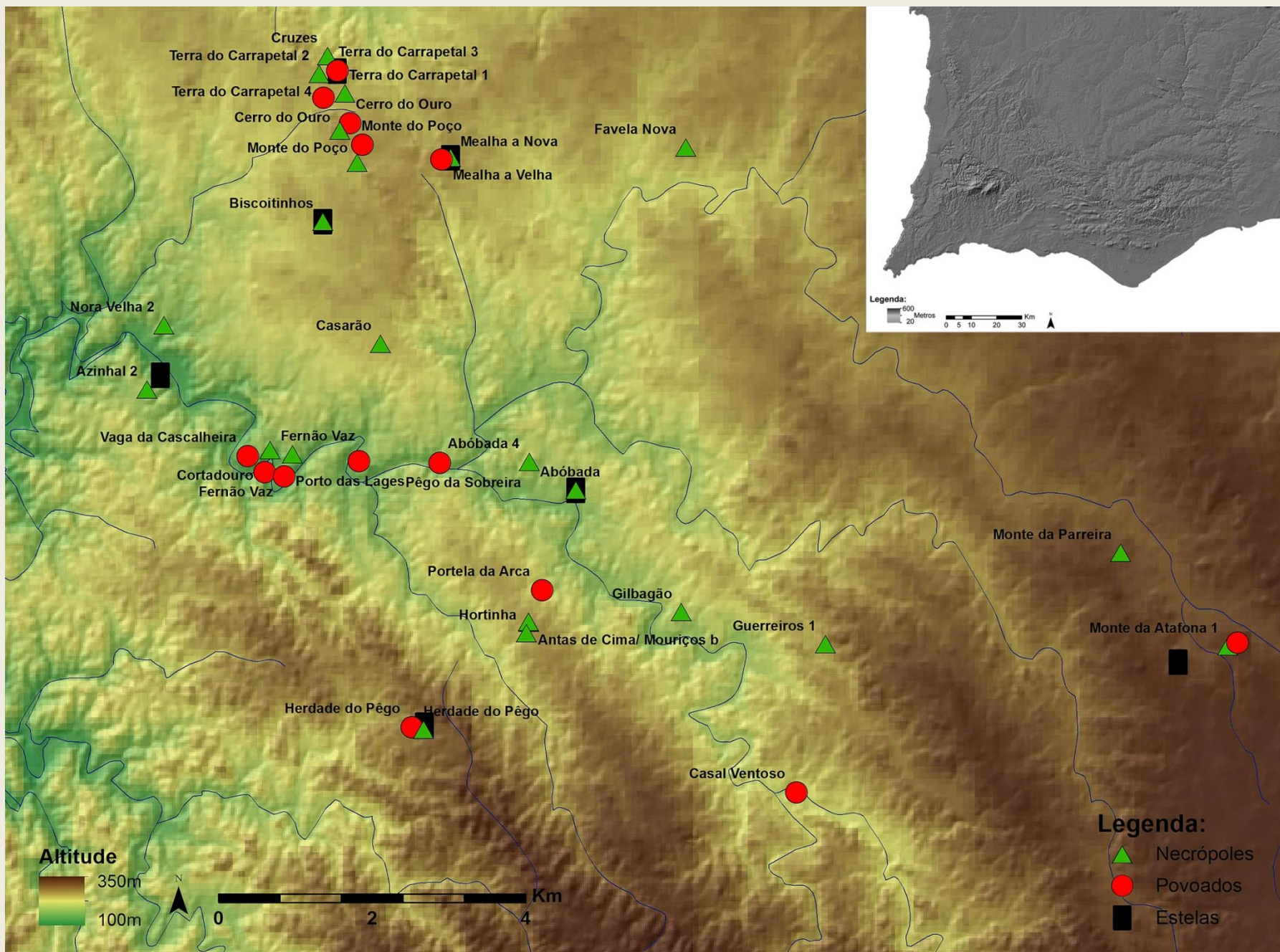


Fig. 1.— Sítios arqueológicos da Idade do Ferro, na envolvente imediata da necrópole da Abóbada

A área integra-se no conjunto de sítios da Idade do Ferro identificados em Ourique, e está na proximidade de diversas necrópoles como o Pêgo, Mealha a Nova, Fernão Vaz, Casarão ou Pêgo da Sobreira, entre outros (Fig. 1). A parte que hoje pertence ao concelho de Almodôvar corresponde à área onde se noticiou as cistas das Antas do Meio (Beirão 1972) e a necrópole de Mourigos ou Antas de Cima, intervencionada na década de 70 (Beirão 1972; 1986; Beirão e Gomes 1980; Gomes 1992; 2006; Correia 1993; 1996). Necrópole esta que continha uma estela da Idade do Bronze reaproveitada na edificação de um dos dois túmulos da Idade do Ferro, associados à cronologia mais antiga de túmulos circulares (Gomes 1992), pese ter-se considerado que o Túmulo 2 corresponderia antes a uma arquitectura funerária rectangular sobreposta ao primeiro monumento circular (Correia 1993: 357, figs. 2-4). Sem indicação precisa do monumento funerário, foram aí recolhidas duas pontas e contos de lança em ferro e uma faca com rebites.

Ao lado desta necrópole destaca-se a desaparecida necrópole de Hortinha (Beirão *et al.* 1979; 1980; Correia 1993; 1996; Arruda 2001; Vilhena 2006), onde se podia observar uma estrutura quadrangular formando dois compartimentos de dimensões desiguais que podem supor antes a presença de um povoado, em redor de Mourigos. Aliás, à semelhança do povoado da Portela da Arca, onde temos desenvolvido trabalhos de escavação desde 2012 e que, aparentemente, pode ser enquadrado em torno do século VI - IV a.C.

Por fim, os trabalhos de prospecções do Projecto ESTELA vieram a identificar junto a esta área, em redor do Rio Mira (Fig. 1), um conjunto de eventuais necrópoles, de que destacaríamos Abóboda 4 (Melro e Barros 2012).

Nesse leque de sítios, o primeiro dos lugares que o Projecto ESTELA elegeu intervir foi a necrópole da Abóbada, pois impunha-se o esclarecimento do local de proveniência da estela I transformada no símbolo do MESA. Isto é, para além dos objectivos científicos em esclarecer o contexto do sítio (cronologia,

estruturas e rituais funerários, entre outros aspectos), tinha-se também como premissa complementar coligir informação para se poder narrar ao visitante do Museu a história por detrás da imagem marca do MESA.

Achada em 1972, esta estela foi apelidada como a “Estela do Guerreiro” (Fig. 2), precisamente por representar ao centro da inscrição com escrita do Sudoeste, uma figura humana interpretada como tal. A descoberta despertou desde então, um enorme interesse pela excepcionalidade dessa associação escrita/representação antropomórfica, uma solução gráfica que parece ter tradição em épocas anteriores nas estelas com armas e guerreiros do Bronze do Sudoeste. Porém o local da descoberta fora apenas alvo de um breve registo em notícia preliminar realizada por Manuela Alves Dias e Luís Coelho (1972) sem nunca ter sido devidamente intervencionado.

As circunstâncias da sua descoberta merecem uma descrição mais pormenorizada. O interesse suscitado na população dos concelhos de Almodôvar e Ourique e nas instituições regionais sediadas em Beja, desencadeou episódios de um fervoroso regionalismo em defesa da posse da estela (episódios aliás que ainda hoje podem ocorrer entre as administrações centrais e as entidades de cariz regional e locais). Em Março de 1972, o então Director do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia em Lisboa, Professor Dr. Fernando Almeida deu conta à Direcção Geral dos Assuntos Culturais do Ministério da Educação Nacional do “aparecimento de uma pedra lavrada e com inscrição ibérica” que fora encontrada no mês anterior por Joaquim Miguel, em trabalhos agrícolas, “quando da lavra dum pequeno cabeço” pelos quais “o arado feriu-a do lado direito” (Almeida 1972a). Depois de descoberta, a estela esteve exposta numa taberna, chegou a ser oferecida ao Museu Nacional de Arqueologia – situação que não veio a concretizar-se – pelo que posteriormente a GNR tentou recuperar a epígrafe para a Tutela central, mas deparou-se com resistência local. Foi então designado Caetano Beirão pela Junta Nacional de Educação, com o objectivo – não logrado – de tentar reverter a oferta da estela feita entretanto ao Museu



*Fig. 2.— Estela I da Abóbada, onde se pode ver a figura antropomórfica com escrita do Sudoeste*

Distrital de Beja, onde hoje se encontra. No esquecimento ficou o apontamento de Fernando de Almeida que dizia que “quando houver um Museu capaz em Almodôvar, deverá ser para lá transferida” (Almeida 1972b). Já no Outono de 1974, Fernando Almeida encerrara o assunto informando que a lápide fora por ele “vista arrumada em um canto de uma sala do Museu de Beja; pelo que é de supor, está devidamente resguardada contra um possível descaminho” (Almeida 1974).

Enquanto decorriam estas disputas, e porque na época a atenção estava focada essencialmente nas estelas, pouco reparo veio a merecer a necrópole. O que se sabia resumia-se à notícia preliminar (Dias e Coelho 1972) onde constava uma referência a dois monumentos funerários pétreos, estruturas habituais na região, e à presença de contextos de enterramentos diferenciados. A diferença da necrópole face às demais necrópoles, era marcada pelo contexto de reutilização da famosa estela da Abóbada, identificada sobre uma “urna de incineração da II Idade do Ferro” (Gomes 1990: 30) e que segundo Mário Varela Gomes ocorreria em torno de uma necrópole mais antiga da chamada I Idade do Ferro. Essas leituras certamente só terão sido possíveis após uma decapagem da necrópole feita por Manuel Ricardo, colaborador de Caetano Beirão, mas da qual nunca houve qualquer registo escrito. Estes trabalhos foram superficiais sem ter havido lugar à escavação arqueológica, mas é durante este trabalho que surge um segundo fragmento epigrafado (Dias e Coelho 1972: 190). Não tendo prosseguido a escavação, o que sucedeu ao invés foi, segundo o Sr. Manuel, rendeiro do Monte da Abóbada e comprovado efectivamente no registo arqueológico, uma posterior lavra mecânica sobre o sítio, certamente na “busca do tesouro”.

Nessa pequena plataforma sobranceira à várzea do Mira, junto a um pego de águas permanentes e na proximidade do principal ponto de passagem do Rio, cerca de 40 anos depois, entre 2010 e 2011, foram realizados os trabalhos de escavação arqueológica que se descrevem.

Nos trabalhos de prospeção, verificou-se que o sítio se caracterizava pela presença de um amontoado de pedra, única indicação dos referidos monumentos funerários. Foi nesse amontoado pétreo que se centrou a área da intervenção (100 m<sup>2</sup>), incluindo uma parte da necrópole que se estende na vertente este (com outra concentração de pedras), havendo a notar que não se intervencionou a sua área total.

Logo após a desmatção, colocou-se a descoberto os já referidos amontoados pétreos e após a decapagem inicial, começou-se a perceber um cenário que apontava para distintas realidades: ao centro encontravam-se estruturas; a Norte, de cota mais elevada e com uma potência estéril e reduzida, aflorava o geológico; e na área Sul da escavação, correspondente a metade da área de escavação, encontravam-se alguns conjuntos residuais de ossos cremados de origem humana. Desde logo, constatou-se uma forte afetação do sítio arqueológico, todo ele literalmente rasgado por uma trama de sulcos da lavra, que resultou no revolvimento dos níveis arqueológicos, na supressão dos níveis de cobertura e de grande parte das estruturas tumulares. Por isso, apenas se observou a base dos depósitos, das estruturas tumulares e das sepulturas de cremações. Quer os níveis de abandono, quer as camadas originais onde foram abertos os covachos foram em boa parte alterados ou suprimidos pela lavra mecânica. Contudo, esta imagem incompleta revelou (Fig. 3) duas estruturas, designadas por Túmulos 1 e 2 que correspondiam a metade da área de escavação, e a Sul destas, foi identificada a presença de conjuntos residuais de ossos cremados em deposição secundária – alguns dispersos e outros em covachos entre os intervalos da lavra.

Os empedrados dos monumentos funerários foram de difícil definição. Constatou-se que constituíam um intrincado de blocos de diversas dimensões revolvidos, mas sugeriam, ainda assim, a delimitação de duas estruturas tumulares de forma quadrangular adossadas entre si por um muro comum, refletindo em parte a tradição das necrópoles conhecidas na região através do

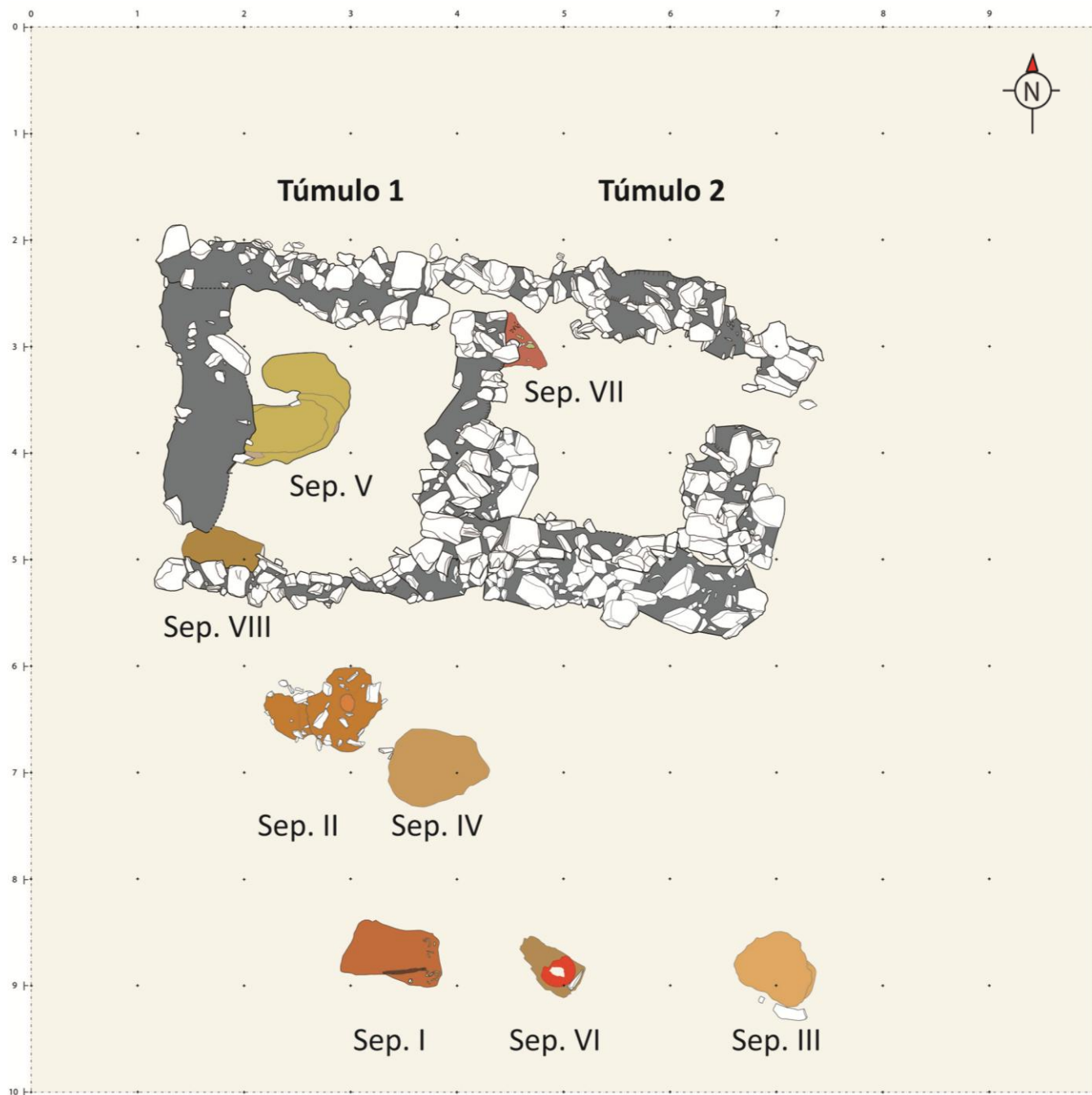


Fig. 3.— Planta simplificada da área da necrópole intervencionada, com a identificação dos Túmulos e das Sepulturas



encosto sucessivo de túmulos – necrópoles gregárias. A referida ausência dos níveis de cobertura dos túmulos coloca obviamente sérias reservas neste caso ao estabelecimento de um faseamento, mas o facto dos dois túmulos partilharem um muro central e deste cobrir em parte a Sepultura VII do Túmulo 2, leva-nos a interrogar sobre o enquadramento dessa cremação (a mais bem preservada e que conta com o mais elevado peso ósseo). Assim, pode corresponder a uma situação em que um enterramento primordial foi sobreposto pelos Túmulos 1 e 2, prosseguindo a interface da Sepultura VII do Túmulo 2 como uma provável reutilização do espaço sepulcral, apesar de nenhum outro enterramento ter sido claramente detectado.

Ainda menos perceptível foi a delimitação da Sepultura V do Túmulo 1, uma vez que todo o seu limite Oeste fora gravemente comprometido e os seus vestígios osteológicos arrastados e deslocados para Sudoeste, onde a própria presença contígua de um distinto covacho – Sepultura VIII – acautela para a hipótese de poder estar igualmente relacionada com o Túmulo 1. De facto, uma situação de mescla de ossos poderia assim ter ocorrido entre os enterramentos das Sepulturas V e VIII. Porém, a observação no terreno ditou que cada cremação fosse tratada separadamente e interpretámos preliminarmente a Sepultura VIII como sendo o resultado de um enterramento em covacho sem estrutura tumular associada e exterior ao Túmulo 1. Nenhuma evidência osteológica pôs em causa esta interpretação durante o trabalho laboratorial.

Apesar das limitações de preservação do sítio arqueológico, importa assinalar que estes túmulos terão sido erguidos sobre uma prévia preparação do solo base, o qual se reflecte numa espécie de pavimento avermelhado podendo ter sido resultado de algum fogo intencional, e ainda poder haver alguma componente de construção em terra associada.

Desta forma, considera-se que até ao momento foram identificadas três modalidades de enterramento em fossa simples com deposição secundária de cremações:



*Fig. 4.— Estruturas tumulares (Túmulo 2) onde foi identificada uma sepultura (VII), em fossa simples com deposição secundária de cremações no solo, delimitada por uma moldura pétrea*

1. Duas (ou três) sepulturas, delimitadas por molduras pétreas sem recurso a urna, enquadradas em duas estruturas tumulares (Fig. 4).

2. Cerca de seis sepulturas em fossa simples com deposição secundária de cremações no solo sem recurso a urna, embora uma de feição mais incerta (Sepultura III). Estas cremações poderiam eventualmente ter sido acondicionadas em invólucros perecíveis, mas nenhuma evidência disto foi detectada no campo (Fig. 5).

3. E uma terceira variante, respeitante a uma sepultura em fossa simples com deposição secundária da cremação em urna (Fig. 6). Esta última referente à urna noticiada em 1972 e que estava coberta pela estela I da Abóbada. Certeza dada pelo areão aí depositado há 40 anos para assinalar o local, depois de aí observados os fragmentos da urna junto com as cinzas que restavam após ter sido esvaziada pelos seus achadores (Dias e Coelho 1972: 183).

Para estes dois últimos tipos de sepulturas com cremações não foi possível perceber se lhes estavam associadas outras estruturas tumulares, mas deve-se com muitas reservas referir que no segundo tipo foi identificado um alinhamento pétreo – muito afectado – que pode indiciar a cobertura de uma delas e assim terem estado associadas e inseridas noutros monumentos tumulares agregados a Sul aos Túmulos 1 e 2.

Assim sendo, na necrópole da Abóboda parece ter havido três variantes distintas da mesma prática funerária. Todas se basearam na cremação dos defuntos, provavelmente logo após a morte – evento sugerido pela presença de fracturas transversais em curva nas diáfises de ossos longos. Estas são muito menos frequentes em restos humanos fruto de cremação em ossos desarticulados e secos que poderia por exemplo ocorrer enquanto prática funerária secundária (Gonçalves *et al.* 2011; Gonçalves 2012). Da mesma forma, tratavam-se de deposições secundárias, visto que o corpo foi cremado em local diferente daquele no qual a inumação se deu. Esta diversidade contrasta em parte com o

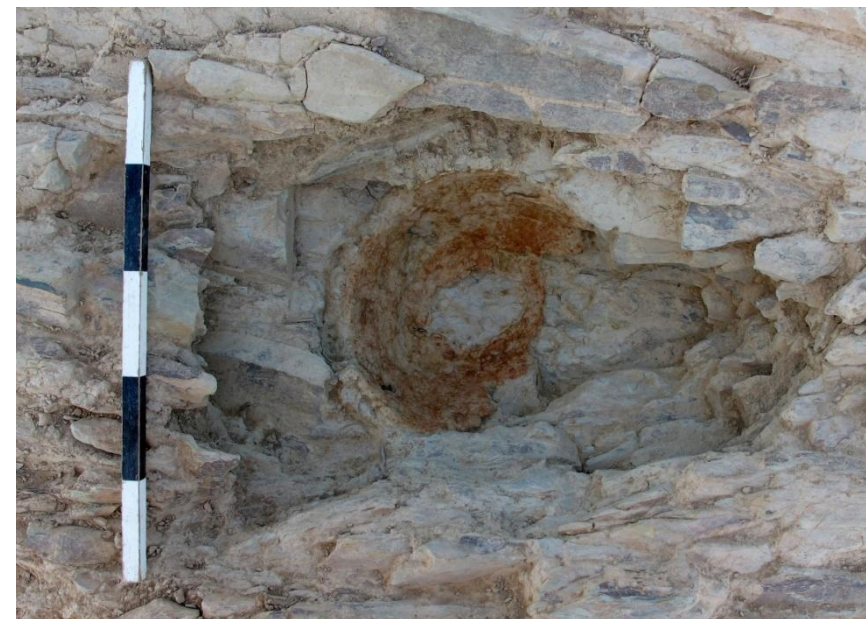


*Fig. 5.— Sepultura (I) em fossa simples com deposição secundária de cremações no solo, nesta foi encontrada a ponta e o conto de uma lança*

cenário encontrado na vizinha necrópole do Monte da Atafona (Almodôvar), de cronologia mais tardia em torno do séc. IV e III a.C., onde todas as cremações documentadas pelo registo arqueológico actualmente disponível foram exclusivamente depositadas em urnas (Gonçalves *et al.* no prelo).

Assim sendo, foram encontrados restos humanos em oito contextos, apesar de em alguns deles – Sepulturas III, IV e VI – a sua quantidade ser ínfima (Tabela 1). Além disso, a sua análise e interpretação reveste-se de grande complexidade que deriva da afectação que os diversos contextos sofreram em período pós-deposicional. Os trabalhos agrícolas realizados no local conduziram a que, para alguns dos contextos encontrados, uma atribuição segura de cada conjunto de ossos à respetiva sepultura se torne impossível de concretizar. Isto é particularmente notório, como já assinalado, no caso das Sepulturas V e VIII, cujos restos humanos podem, no fundo, corresponder a um mesmo indivíduo, e desse modo tratar-se apenas de um único enterramento que poderia ter estado associado ao Túmulo 1. Contudo, visto que nenhuma colagem entre fragmentos ósseos dos dois conjuntos foi encontrada, optou-se por analisar ambos separadamente.

Outro aspeto que se deve realçar, e com paralelos ao cenário encontrado na vizinha necrópole de urnas do Monte da Atafona (Gonçalves *et al.* no prelo) diz respeito à cremação propriamente dita. Tanto num caso como noutro, esta conduziu à calcinação total de todos os restos humanos – situação evidenciada pela coloração branca dos mesmos, alteração térmico-induzida que ocorre a temperaturas muito elevadas (Shipman *et al.* 1984 e Walker *et al.* 2008). Esta situação denota uma preocupação que ia para além da mera remoção dos tecidos moles e da desarticulação do esqueleto que podem ser alcançadas antes de se atingir a calcinação óssea. Assim sendo, o elevado investimento em matérias de combustão provavelmente visava outros desígnios para além do mero descarnamento. Possivelmente, alguns preceitos rituais ou práticas actualmente desconhecidos implicariam a calcinação do esqueleto.



*Fig. 6.— Sepultura (VI) em fossa simples com deposição secundária de cremações no solo em urna*

Sepult.	Complexo Funerário	NMI	Idade à morte	Sexo	Patologia	Peso (g)
I		1	Adulto	?		536,7
II		1	?	?		100,4
III		1	?	?		0,2
IV		1	?	?		5,1
VI		1	?	?		2,3
V	Túmulo 1	1	Adulto?	?		182,7
VIII		1	Adulto?	?		108,7
VII	Túmulo 2	2?	Adulto Médio/Idoso?	M?	Entesófitos (patella e calcâneo)	847,7

Tabela 1.— Tabela com a síntese dos resultados da análise e interpretação dos restos humanos

O cenário encontrado na Abóboda replica também aquele observado na Atafona no que diz respeito à completude dos esqueletos. Em ambos os casos, aparentemente não houve uma preocupação em recolher minuciosamente os restos ósseos – mesmo no caso das cremações com maior peso ósseo. Evidentemente, esta ausência de ossos pode e deve ter sido agravada pela perturbação dos contextos causada pela destruição feita pelo arado. Em resultado disso, os conjuntos encontravam-se bastante incompletos, ou seja, os restos humanos são uma amostra minimamente representativa do indivíduo, e isso é facilmente deduzido pelo reduzido peso de cada cremação quando comparado com o peso expectável (Gonçalves *et al.* 2013a). É pois possível inferir a partir destes dados que a integridade completa do corpo físico não era requisito necessário à crença funerária e à percepção do mundo da morte.

As razões concretas para a adopção desta prática funerária relativamente antiga na Europa não são completamente conhecidas visto que não temos relatos escritos sobre estas populações da Idade do Ferro que ocuparam os territórios que hoje constituem o Alentejo. Porém, no mediterrâneo, o cadáver era por vezes cremado como acto de purificação e de forma a viabilizar a sua transfor-

mação em fumo e conseqüente ascensão aos céus e aquisição de imortalidade (Gracia 2001; Moneo 2003). Possivelmente, esta crença estava também inerente à prática adoptada no Sudoeste Peninsular.

Mais uma vez os poucos ossos presentes e a sua elevadíssima fragmentação complicaram sobremaneira a estimativa do número mínimo de indivíduos e a determinação do perfil biológico de cada indivíduo representado. Dadas as condicionantes acima descritas, o número mínimo do conjunto analisado estimou-se entre os sete e os nove indivíduos, partindo do pressuposto que a cada sepultura correspondia pelo menos um indivíduo. Tanto quanto é possível aferir, os enterramentos eram aparentemente todos singulares com uma possível excepção – a Sepultura VII onde duas pirâmides petrosas do osso temporal direito foram encontradas (Fig. 7), demonstrando assim a presença de dois indivíduos. Porém, não foi possível apurar se este caso se tratava de uma verdadeira sepultura dupla ou se um dos elementos constituiu apenas uma intrusão proveniente de uma cremação anterior e que se deveu a limpeza deficiente do *ustrinum* ou mesmo ter resultado das condições pós-deposicionais. Seja como for, nenhum outro elemento se encontrava repetido.

Apenas foi possível determinar grosseiramente a idade à morte dos indivíduos para um reduzido número de cremações, e constatou-se que somente adultos ou indivíduos de aparência adulta estavam supostamente sepultados na Abóboda visto que nenhum osso imaturo foi encontrado. Este cenário é algo semelhante àquele encontrado no Monte da Atafona (Gonçalves *et al.* no prelo), apesar de aqui ter sido detectado um adolescente. Em nenhum caso se encontraram ossadas de crianças jovens – sugerindo a hipótese de uso diferencial da prática da cremação em função da idade do sujeito – mas devemos atender a que nenhuma destas necrópoles foi intervencionada na sua extensão total. Também não foi possível efectuar uma estimativa mais precisa da idade à morte, apesar de alguns indícios apontarem para um possível indivíduo médio ou idoso na Sepultura VII – situação sugerida pela presença de entesófitos na patella e no



Fig. 7.— Duas pirâmides petrosas do osso temporal direito indicando a presença de dois indivíduos no enterramento da Sepultura VII

calcâneo. Ao nível da determinação sexual, os resultados foram ainda menos esclarecedores, apenas o conjunto de ossos da Sepultura VII proporcionou um indicador sexual – uma cabeça de fémur parcialmente destruída (Fig. 8). Neste caso, o seu diâmetro máximo de 41,1 mm apresentava dimensões já tipicamente masculinas (tendo em consideração que o osso reduz o seu volume devido às altas temperaturas), mesmo apesar de se tratar apenas de uma medição parcial (Gonçalves 2011 e Gonçalves *et al.* 2013b). O diâmetro real aparentava ser consideravelmente superior a este valor, aumentando por isso a probabilidade de tratar de um indivíduo masculino.

Todo este cenário pautou-se por uma frustrante ausência de espólio associado à necrópole – a qual até ao momento não se pode atribuir qualquer significado cultural nem apurar se foi recolhido durante os trabalhos de Manuel Ricardo ou na destrutiva “procura do tesouro”. As exceções foram, a urna de pastas avermelhadas (Fig. 6) já noticiada em 1972 (Dias e Coelho 1972: 183), que sugere-nos formas em torno de meados do I milénio a.C. O covacho escavado foi feito à sua dimensão estando encostada às paredes do xisto e, pese todos os cuidados e esforços no seu levantamento, encontrava-se bastante deteriorada pelo que é muito complexo proceder ao restauro da mesma.

Já na base da Sepultura VII associada ao Túmulo 2, foram também recolhidas duas pequenas taças (Fig. 9) com paralelos nas necrópoles vizinhas da região de Ourique (Arruda 2001; Jiménez Ávila 2002-2003; 2009). Todos os restantes fragmentos cerâmicos são escassos e inclassificáveis.

Na Sepultura I, um covacho com uma deposição secundária de uma cremação que se distingue das restantes por conter espólio, por não se apresentar tão truncada e pela sua forma rectangular (não condicionada à escavação do substrato geológico), foi ainda uma das que revelou maior potência estratigráfica e um dos maiores conjuntos de ossos cremados, os quais surgiam ainda associados a alguns carvões e nódulos de argila avermelhada. Esta sepultura destacou-se também pela presença de uma ponta (com a lâmina virada a Oeste)



*Fig. 8.— Cabeça de fémur de dimensões tipicamente masculinas presente no enterramento da Sepultura VII*

e um conto de lança (na extremidade oposta da sepultura) que aponta para uma cronologia entre os finais do século VI e os meados do século IV a.C., tendo o processo de restauro permitido verificar alguns elementos funcionais que podem também ser decorativos (Fig. 10).

Concluindo, contrapondo ao cenário de afectação que resultou da lavra mecânica sobre o sítio há algumas décadas atrás, foi agora possível registar com precisão o local exacto onde se tinha encontrado a “Estela do Guerreiro” (Fig. 2) e a urna coberta por esta, mas sobretudo, contribui-se com mais alguns dados para o conhecimento das realidades e práticas funerárias da Idade do Ferro no Sudoeste Peninsular, apesar das limitações existentes (afectação do sítio, número de cremações, escasso material arqueológico) inviabilizarem leituras mais completas.

Atendendo ao modelo evolutivo unilinear, definido por Virgílio Hipólito Correia para as necrópoles de Ourique (Correia 1993; 1996), a da Abóbada não corresponderia aos contextos com grandes monumentos de planta circular (da Fase I, como as vizinhas necrópoles do Pêgo da Sobreira ou de um dos monumentos de Mouricos), mas a um caso com monumentos rectangulares sobre fossas escavadas na rocha (aparentemente da Fase III), isto é já sem uma câmara destacada. Essa proposta de enquadramento tardio, é corroborada pela cronologia proposta para a ponta de lança e pela cremação em urna, que segundo esse modelo são próprias de momentos mais recentes da Idade do Ferro (Fase IV).

Apesar desta evolução tipológica, entende-se que os três tipos de enterramento (Figs. 4, 5 e 6) parecem ocorrer numa única Fase, sobretudo se entender-se uma duração de cerca de um século e meio (possivelmente entre três e sete gerações). No entanto, pode-se constatar que existe uma evolução dentro desta Fase (Fig. 3), ou seja, considerando a criação do pavimento avermelhado prévio como um primeiro momento, existe numa sequência imediata a construção de pelo menos duas estruturas tumulares (de uma forma gregária terá sido



*Fig. 9.— As duas pequenas taças foram identificadas no lado esquerdo da Sepultura VII*

construído primeiro o Túmulo 1, seguido do 2 e pode ter havido um terceiro). Os restantes enterramentos, independentemente da prática funerária associada (com e sem urna), parecem corresponder a momentos posteriores, mas numa lógica de utilização de um espaço sepulcral pleno de identidade e referência.

Porém, face às limitações de preservação do sítio, e à ausência de relações directas dos depósitos escavados e do parco espólio existente, não se conseguiu demonstrar as relações de eventual posterioridade ou contemporaneidade das sepulturas e aferir um faseamento empírico e enquadrá-lo na linearidade do modelo proposto. Importa porém assinalar, que mais do que uma evolução das estruturas tumulares 1 e 2 numa disposição gregária para os covachos em seu redor, segundo esse clássico modelo evolutivo unilinear referido, parece ter havido uma coexistência dos diversos tipos de túmulos no mesmo local, ou seja, mais do que um escalonamento cronológico poderiam estas distintas opções traduzir diferenças sócio-económicas dos sepultados recolhidos.

O certo é que, seja de acordo com a proposta evolutiva da arquitectura funerária da região pela qual a necrópole seria enquadrada entre a 2ª metade do século VI a.C. e o século V a.C., seja pela cronologia dos materiais em torno do século V a.C. (Figs. 9 e 10), tudo aponta efectivamente para uma consonância com as cronologias apontadas na revisão do Ferro de Ourique, enquadrado este no chamado período “pós-orientalizante”.

*Fig. 10.— Ponta de lança identificada na Sepultura I*





Desta forma, é esperada a obtenção de respostas e a formulação de novas perguntas a partir deste sítio e do que parecem ser outros monumentos funerários da Idade do Ferro em Almodôvar, bem como dos respetivos locais de povoamento desta época na região e assim contribuir para o conhecimento da história e património associados.

Agradecimentos: gostaríamos de expressar o nosso agradecimento, pelo apoio prestado no âmbito do Projecto ESTELA, aos Professores Doutores Amílcar Guerra e Carlos Fabião (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), aos alunos voluntários da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, bem como à Câmara Municipal de Almodôvar pelo apoio dado e a Matthias Tissot do Laboratório de Conservação e Restauro do Museu Nacional de Arqueologia pelo restauro da ponta e conto de lança. Salientamos porém que estão isentos de responsabilidades nos erros ou omissões deste trabalho, inicialmente escrito em Outubro de 2012 e entregue para publicação em Outubro de 2013.

## BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, F. (1972a): *Carta enviada ao Ministério da Educação Nacional, Direcção-Geral do Ensino e das Belas-Artes, datada de 17 de Março de 1972*, (Documento inédito, Processo IGESPAR S-1019).
- ALMEIDA, F. (1972b): *Carta enviada ao Ministério da Educação Nacional, Direcção-Geral do Ensino e das Belas-Artes, datada de 24 de Maio de 1972*, (Documento inédito, Processo IGESPAR S-1019).
- ALMEIDA, F. (1974): *Informação da Junta Nacional da Educação*, (Documento inédito, Processo IGESPAR S-1019).
- ARRUDA, A.M. (2001): “A Idade do Ferro pós orientalizante no Baixo Alentejo”. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 4 (2): 207-291.
- BARROS, P., MELRO, S. e ESTRELA, S. (no prelo): “As Estelas com escrita do Sudoeste do concelho de Loulé”. *Revista do Arquivo Histórico Municipal de Loulé - Al-'ulyã*.
- BARROS, P., MELRO, S. e SANTOS, P.J. (2010): “Projecto Estela: uma revisão dos dados e primeiros resultados dos trabalhos nas serras de Mú e Caldeirão”. *Xelb* 10: 115-128.
- BEIRÃO, C. de M. (1972): *Relatório das prospecções arqueológicas feitas nos concelhos de Odemira, Ourique, Castro Verde, Almodôvar, Mértola, Alcoutim, Loulé*. [Projecto Prospecções Arqueológicas feitas nos concelhos de: Odemira, Ourique, Castro Verde, Almôdovar, Mértola, Alcoutim, Loulé, Investigação ad hoc, 1971/ 1972], (Relatório Inédito).
- BEIRÃO, C. de M. (1986): *Une Civilisation Protohistorique du Sud du Portugal (1er. Age du Fer)*. Paris.
- BEIRÃO, C. de M. e GOMES, M.V. (1980): *A Idade do Ferro no Sul de Portugal: Epigrafia e Cultura*. Lisboa.
- BEIRÃO, C. de M., GOMES, M.V. e MONTEIRO, J.P. (1979): *As Estelas Epigrafadas da I Idade do Ferro no Sul de Portugal*. 1ª Mesa Redonda sobre a Pré e a Proto-História do Sudoeste Peninsular (Catálogo de exposição). Setúbal.
- CORREIA, V.H. (1993): “As necrópoles da Idade do Ferro do Sul de Portugal: Arquitectura e rituais”. *Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular 2. Trabalhos de Antropologia e Etnologia* vol. XXXIII (fasc. 3-4): 351-70.

- CORREIA, V.H. (1996): *A epigrafia da Idade do Ferro do Sudoeste da Península Ibérica*. Porto.
- DIAS, M.M.A. e COELHO, L. (1972): “Notável lápide proto-histórica da Herdade da Abóboda - Almodôvar (Primeira notícia)”. *O Arqueólogo Português (III Série)* 5: 181-190.
- GOMES, M.V. (1990): “O Oriente no Ocidente. Testemunhos iconográficos na Proto-História do Sul de Portugal: Smiting Gods ou deuses ameaçadores”. *Revistas Estudos Orientais* 1: 53-106.
- GOMES, M.V. (1992): “Proto-História do Sul de Portugal”. In A.C.F. SILVA e M.V. GOMES: *Proto-História de Portugal*. Lisboa: 99-202.
- GOMES, M.V. (2006): “Estelas funerárias, da Idade do Bronze Médio, do sudoeste peninsular: a iconografia do poder”. *Actas do VIII congresso internacional de estelas funerárias*. Lisboa: 47-62.
- GONÇALVES, D. (2011): “The reliability of osteometric techniques for the sex determination of burned bones”. *Homo – Journal of Comparative Human Biology* 62: 351-358.
- GONÇALVES, D. (2012): *Cremains: the value of quantitative analysis for the bioanthropological research of burned human skeletal remains*, (Tese de Doutoramento inédita. Universidade de Coimbra). Coimbra.
- GONÇALVES, D., BARROS, P. e MELRO, S. (no prelo): “Os restos humanos cremados da necrópole do Monte da Atafona (Almodôvar): resultados preliminares”. *Xelb. Actas do VIII Encontro de Arqueologia do Algarve* (Silves 2010).
- GONÇALVES, D., CUNHA, E. e THOMPSON, T.J.U. (2013): “Weight references for burned human skeletal remains from Portuguese samples”. *Journal of Forensic Sciences* 58 (5): 1134-1140.
- GONÇALVES D., THOMPSON T.J.U. e CUNHA E. (2011): “Implications of heat-induced changes in bone on the interpretation of funerary behaviour and practice”. *Journal of Archaeological Science* 38: 1308-1313.
- GONÇALVES, D., THOMPSON, T.J.U. e CUNHA, E. (2013): “Osteometric sex determination of burned human skeletal remains”. *Journal of Forensic and Legal Medicine* 20 (7): 906-911.
- GRACIA, F. (2001): “El fuego como referente de culto: datos de la Protohistoria peninsular mediterránea”. *Cypsela* 13: 99-120.
- GUERRA, A. (2002): “Novos monumentos epigrafados com escrita do Sudoeste da vertente setentrional da Serra do Caldeirão”. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 5 (2): 219-231.

- GUERRA, A. (2007): *Museu da Escrita do Sudoeste Almodôvar*. Almodôvar.
- GUERRA, A. (2009): “Novidades no âmbito da epigrafia pré-romana do sudoeste hispânico”. *Acta Palaeohispanica X. Palaeohispanica* 9: 323-338.
- JIMÉNEZ ÁVILA, J. (2002-2003): “Estructuras tumulares en el suroeste ibérico. Entorno al fenómeno tumular en la protohistoria peninsular”. *Homenaje a la Dra. Dña. Encarnación Ruano Ruiz. Boletín de la Asociación Española de Amigos de Arqueología* 42: 81-118.
- JIMÉNEZ ÁVILA, J. (2009): “Arquitectura y modalidad: la construcción del poder en el mundo post-orientalizante”. *Archivo Español de Arqueología* 82: 69-95.
- MELRO, S. e BARROS, P. (2009): “Projecto Estela: um projecto científico de um museu para o território”. *IV Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. Huelva: 450-453.
- MELRO, S, BARROS, P. e GUERRA, A. (2009): “Projecto ESTELA: do museu para o território”. *Al-madan on-line* 16: 10-11.
- MELRO, S., BARROS, P., GUERRA, A. e FABIÃO, C. (2009): “O Projecto ESTELA: primeiros resultados e perspectivas”. *Acta Palaeohispanica X. Palaeohispanica* 9: 353-359.
- MELRO, S., BARROS, P., GUERRA, A. e FABIÃO, C. (2010): “O Projecto Estela: Primeiros resultados e perspectivas”. *X Colóquio Internacional sobre Línguas e Culturas Paleo-Hispânicas*. Lisboa: 353-359.
- MELRO, S., BARROS, P. e CORTES, R. (2011): “Museu da Escrita do Sudoeste de Almodôvar: do museu para o território”. *Actas do Encontro Arqueologia e Autarquias*. Lisboa: 603-609.
- MELRO, S. e BARROS, P. (2012): “Projecto Estela: O Território da Escrita do Sudoeste e a Idade do Ferro na actual região de Almodôvar”. *V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Almodôvar: 189-200.
- MONEO, T. (2003): *Religio Iberica: santuários, ritos e divindades (siglos VII-I a.C.)*. Madrid.
- SANTOS, P. J., BARROS, P., MELRO, S. (no prelo): “ESTELA Project: Initial Assessment to the Landscape of the southwestern Script (Iron Age, South of Portugal)”. *Workshop on Spatial Archeology - Spatial Analysis Applied to Archaeological Sites from Protohistory to the Roman Period* (Ghent 2010).

- SHIPMAN, P., FOSTER, G. e SCHOENINGER, M. (1984): "Burnt bones and teeth: An experimental study of colour, morphology, crystal structure and shrinkage". *Journal of Archaeological Science* 11: 307-325.
- UNTERMANN, J. (1997): *Monumenta Linguarum Hispanicarum IV. Die tartessischen, keltiberischen und lusitanischen Inschriften*. Wiesbaden.
- VILHENA, J. (2006): *O sentido da permanência. As envolventes do Castro da Cola nos 2.º e 1.º milénios a.C.*, (Dissertação de Mestrado inédita. Universidade de Lisboa). Lisboa.
- WALKER, P.L., MILLER, K.W.P. e RICHMAN, R. (2008): "Time, temperature and oxygen availability: an experimental study of the effects of environmental conditions on the color and organic content of cremated bone". In C.W. Schmidt e S.A. Symes (eds.): *The analysis of burned human remains*. London: 129-137.